

Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

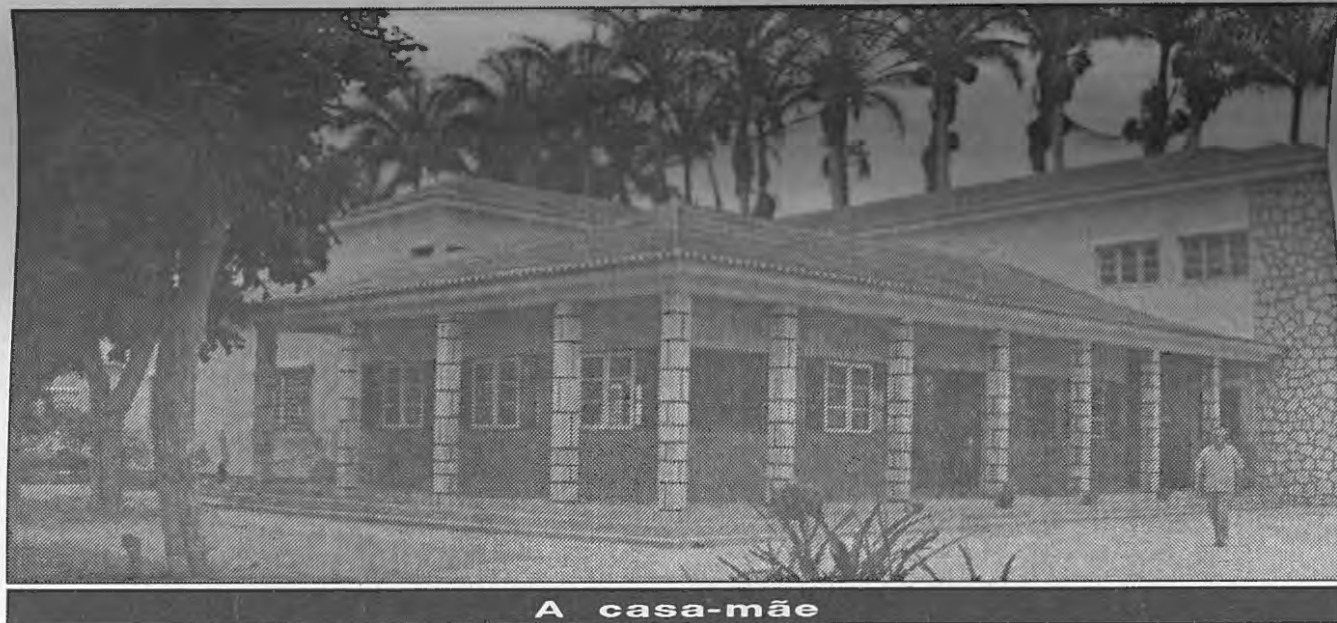
Quinzenário • 16 de Abril de 1994 • Ano LI - N.º 1307 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Carta de Benguela



A casa-mãe

Voos humanitários

PARA já, Angola não dá para previsões. Ao chegar temia não conseguir visitar Malanje. Depois o susto virou na direcção de Benguela.

Durante aquela semana assisti a uma verdadeira ponte aérea para abastecimento das multidões de deslocados: Uma dúzia, ou mais, de grandes cargueiros diários. Entre as Organizações promotoras desta ponte, a Cruz Vermelha voa preferencialmente a partir de Benguela. Ótimo! Assim evitávamos Luanda e as dificuldades prováveis de uma nova boleia e fomos direitinhos ao nosso destino sem perda de tempo!

Tudo marcado... e eis que, na véspera, recomencaram os bombardeamentos à cidade e os voos foram suspensos. Uma experiência nova

para mim, que o Povo, de tão castigado, parece já não sentir, apesar das vítimas e do alastrar de estragos que sempre há. Mas a angústia maior foi a sensação de clausura provocada pelo isolamento da cidade quando os aviões não pousam. Se a situação demora, como vou sair daqui? Lá se vai a ida a Benguela e — quem sabe? — o regresso a Moçambique...!

Fim-de-semana no Cavaco

Felizmente as partes concertaram-se, certamente houve compromisso relativamente aos voos humanitários e, dois dias depois, eles foram retomados. Ainda me foi possível um fim-de-semana em Benguela, bendito seja Deus! E de novo

bendito pelas notícias que hoje posso dar, bem diferentes daquelas que constaram na carta de Malanje.

Do aeroporto à Casa do Gaiato

Pouco passava do meio dia quando cheguei. Padre Manuel, desorientado pelas notícias, não me esperava. O aeroporto é perto da cidade. A bagagem não pesava. Meti-me a caminho. Um jovem de motorizada parou e perguntou-me com um gesto de cabeça se queria vir. Quis. No princípio da avenida onde está a Catedral pedi que me deixasse. Em direcção ao Liceu e à antiga Escola Técnica vinham formigueiros de jovens para as aulas da tarde. Era sexta-feira. Vinham bem arranjados e joviais. A avenida é

larga, bem traçada. Os prédios algo desbotados mas inteiros e com sinais de vida. Lojas abertas e fornecidas. Restaurantes e graciosos bares em hora forte de funcionamento. Que feliz para mim a oportunidade de assim reencontrar Benguela!

Resolvi continuar a travessia até à Igreja do Pópulo ou ao Colégio das Doroteias onde havia de encontrar processo de chegar a Casa. No jardim ao lado do Monumental, dois simpáticos cidadãos me acharam com ar de perdido e se me dirigiram. Eles iam também para o Colégio onde a Universidade ainda dá algumas aulas. Chegavam, no momento, um transporte com alunos e um jeep, suponha, com professores. Um dos meus acompanhantes falou-lhes e logo souu a ordem ao motorista de me levar ao Cavaco.

Continua na página 4

Festas SETÚBAL

Só está marcada a Festa de Cascais que será no dia 18 de Junho, às 21.30, no Gil Vicente..

Não é possível inserir neste número as outras datas. Pensamos começar no primeiro fim-de-semana de Maio e visitar todos os lugares dos anos passados.

O tema é dos mais apaixonantes para os rapazes: o seu envolvimento na Natureza e esta na vida deles! Nestas férias de Páscoa, a ocupação dominante é a criação dos números e seu ensaio.

Padre Acílio

LISBOA

16 de Abril, sábado, 15,30 h — Centro Paroquial de MOSCAVIDE;

17 de Abril, domingo, 15,30 h — Instituto de ODIVELAS;

24 de Abril, domingo, 15,30 h — Salão do Stella Maris de PENICHE;

1 de Maio, domingo, 15,30 h — Salão Paroquial da BENEDITA.

Iremos também a Algueirão (Mem Martins), Lisboa, Loures, Torres Vedras, Rio de Mouro, Fanhões e Lourinhã.

SETÚBAL

A notícia mais explosiva e mais feliz de toda a História Humana

Éa Ressurreição de Cristo! Nenhuma outra a igualou ou excederá, em importância para o Homem. O discurso de Pedro nos Actos dos Apóstolos, 10, 40, 41: «Deus ressuscitou-O ao terceiro dia e permitiu-Lhe manifestar-Se, não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois da Sua Ressurreição dos mortos» — denuncia que nem toda a gente percebeu a manifestação do Ressuscitado e que ela se imprimiu no coração daqueles que comeram e beberam com Ele, tornando-se assim suas testemunhas.

Aquele senhor que, há vários anos, nos dá os cordeiros para o almoço pascal, quis, outra vez, vir fazer-nos a refeição.

Trouxe consigo tudo o necessário, com o vinho, os sumos e a sobremesa.

Depois de servir, de avental, sentou-se à minha direita e o filho, já homem também, à esquerda

com os gaiatos, na mesa redonda onde sempre como, na sala cheinha de rapazes.

Foi para mim um momento alto de sensação sobrenatural. Era Ele, Jesus, que estava comigo a comer a Páscoa.

O prazer indiscutível que gozei, não se pode comparar a satisfação nenhuma deste mundo.

Senti-me arrebatado, como que transferido para o Céu onde se vê Deus face a face, e a comunhão com Ele é plena. Lado a lado com Ele, a comer o que Ele preparou para os meus filhos e para mim!

«O ano passado, passei a Páscoa no Japão, confidenciava-me; mas aqui, convosco, esta Páscoa é melhor!»

A pregação de Jesus, hoje, no Seu sermão escatológico é, em primeiro lugar, no meio de nós: «Eu não tinha casa e tu auxiliaste-me na sua aquisição».

O ano passado, por esta altura, vi-me obrigado a dar notícia da muita falta de saúde, especialmente devido ao compromisso que assumira com a família da Rua Jacó Queimado e com todos os que neste escandaloso caso de injustiça, se haviam envolvido, participando com as suas dádivas.

Tem sido longo, doloroso, cheio ensinamentos e incertezas este tempo que agora acaba no período pascal.

A família irá ocupar o número 25 da Rua de S. Pedro, no Bairro dos Pescadores, em Setúbal.

A escritura da compra da casa está marcada para o dia 13 de Abril.

O sítio é airoso. A moradia tem três quartos pequenos, uma grande sala, cozinha, casa de banho uma marquise e um quintal.

Cantar com todos

os que comungam a dor dos Pobres

A alegria desta aquisição, e a vitória sobre a miserável espelunca onde vive a referida família é um épico hino pascal que desejo cantar com todos os que comungam a dor dos Pobres e se uniram comigo na reparação desta injustiça social irónicamente marcada por uma sentença judicial.

Padre Acílio

Conferência de Paço de Sousa

PÁSCOA — Os nossos Pobres participaram nas cerimónias de Quinta-Feira Santa, com muito significado para o Povo de Deus, na Capela da nossa Aldeia. Alguns deles não compareceram por razões de saúde.

Há dezenas de anos que a tradição se mantém. É o Dia do Amor! antes de Se dar até à Morte, e Morte na Cruz — para nos salvar — o Senhor instituiu o Sacramento da Eucaristia, Sua presença mística para sempre, que dá Força para caminharmos.

Após a celebração, os Pobres juntaram connosco. Nos compassos de espera houve segredos que nos transmitiam, além da satisfação de nos juntarmos fraternalmente.

Estiveram viúvas. Mães solteiras. Homens que viveriam mal, só com a magra pensão de reforma. Até aquele que andou muito tempo sem óculos adequados e por isso já tem outra face... Vive com mais alegria. «Agora... é uma maravilha!»

Mais outro, incapacitado, rejubila por ter sido deferida a pensão da mulher, que deu preocupações burocráticas. E, também, por Deus lhe ter dado a graça de estar aqui, mais uma vez, connosco: «Gosto muito desta cerimónia!» — disse.

PARTILHA — «Manel de Braga» abre a procissão com um cheque «para as irmãs viúvas. E porque não também para os viúvos...?»

Assinante 22890 com dez contos «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», muito estímulo e um voto: «que Deus vos ajude a prosseguir a tarefa».

A partilha cristã é assim mesmo!

Remessa muito jeitosa e oportuna, da rua dos Bombeiros Portugueses — Faro.

Dois mil, da assinante 7769, do Porto, «penalizada por não poder dar mais». Acrescenta: «Completo 90 anos e peço a todos a caridade de uma Avé-Maria para que a Mãe de Jesus me ajude a ir para Ele». É o nosso Caminho...

Mais seis mil, da assinante 14493, do Porto. Mil, do Beco da Carqueja — Coimbra. Quinhentos, do assinante 2984 «para ajudar os vossos Pobres e peço o especial favor de não me agradecerem». Nota final bem sublinhada.

Dez mil, do assinante 9790, de Oliveira do Douro (V. N. Gaia), que pede «uma oração por todos nós, pecadores, para que o Senhor nos ajude a bem aproveitarmos este Tempo da Quaresma, de preparação e arrependimento, e hoje seja já o início de uma Alegria, Esperança e Amor, a caminho da Casa do Pai». Mensagem pascal!

A presença habitual do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto). Assinante 23311, de Setúbal, com um cheque «para ajudar os vossos Pobres». Outro, da assinante 28740, de Pardelhas (Murtosa), «migalhinhas para ajuda das amêndoas».

Com muita perseverança, aí temos a assinante 31104, de Lisboa: «É a contribuição que desejo fazer não por hábito, por rotina, mas que vai sempre imbuída de muito amor, de muito respeito que me merece o sofrimento do Próximo. E com o pensamento sempre no Alto desejo ardentemente que Deus se digne aceitar as intenções

Pelas CASAS DO GAIATO

que ponho, pois nada mais tenho de espiritual além d'Ele, a memória dos meus entes queridos. As minhas orações são sempre breves, pequenas na sua dimensão gramatical. Vivo no convencimento que a maior oração que pode haver, é se pode fazer por alguém, é valer a quem necessita». Conforme o Mandamento Novo.

Setúbal: sete mil, da «Avó dos cinco netinhos». Assinante 28053: «Mil da minha parte e outros mil de pessoa muito amiga». E mais um óbolo, de Maria Amélia, do Porto.

Retribuimos os votos de Santa Páscoa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PÁSCOA — Em nossa Casa é cheia de alegria e de paz. Comemoramos a Morte e Ressurreição de Jesus.

É pena não podermos repartir alegria e paz com todos os que mais precisam.

Recebemos muitas visitas durante as festas pascaís. Esperamos que os nossos Amigos tenham passado uma Páscoa com paz e alegria.

POBRES — O nosso desejo: os que podem, devam acabar com a fome dos Pobres. Dêem todos uma mãozinha. Na rua, não... Mas na casa de cada um. Só assim acabaremos com a fome. E eles ficam a saber que alguém se preocupa com o seu bem-estar.

«Peixinho» e «Anjinho»

CARPINTARIA — Fizermos muitas portas e bancos e agora estão a programar a produção de persianas. Na carpintaria há sempre muito que fazer.

ASSALTOS — As nossas instalações foram prejudicadas por estranhos à Comunidade. Desta vez, a Capela, escolas, carpintaria e serralharia.

O mais grave: terem partido um vitral da Capela! Das salas de aula levaram material escolar que fará falta ao longo do ano.

Rui «Gordo»

SERRALHARIA — Temos a sorte de quem se dedique à serralharia. Um senhor que orienta um pequeno grupo de rapazes, que estão a preparar bancos para a nossa Casa do Gaiato de Malanje. E a fazer outras coisas necessárias.

TROLHAS — Temos ainda um pequeno grupo de trolhas que estão a pintar a casa-mãe, a mais linda da nossa Aldeia.

«Pessoa»

REGRESSO — O nosso Padre Carlos, depois de dois meses fora, regressou à base, passando por todas as nossas Casas do Gaiato de África. Dias antes, andavam todos a perguntar uns aos outros quando é que vinha. Chegou no sábado passado.

EXCURSÕES — Continuamos a receber muitas excursões e isso é bom para as pessoas porque ficam a conhecer melhor a nossa Obra.

A NOSSA FAMÍLIA — A nossa família está a aumentar. Vieram mais três pequenos, e fizeram eles muito bem.

BICICLETAS — Foram distribuídas pelo nosso Padre Júlio a todas as casas e, após a distração de alguns rapazes, guardadas uma semana. Depois, ficaram entregues aos chefes.

Nós estamos sempre a ajeitá-las, mas isso não resulta porque estão podres. Um companheiro nosso tanto se

armou que aterrou, e anda com um capacete do hospital.

«Coelho»

RESPONSABILIDADE — É uma função que temos que respeitar, sabendo pôr em prática todos os dotes e tomar atenção no dever que nos foi dado por Deus ou por alguém responsável.

Em nossa Casa, o cumprimento da responsabilidade, da parte de alguns rapazes, tem períodos altos e baixos. Refiro-me principalmente aos chefes. Alguns têm-se desmazelado... Até já houve mudanças. Por isso, temos que nos capacitar dos deveres a cumprir. Somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

DESPORTO — Do jogo em 20 de Março com os juvenis do F.C. da Maia, esquecemos de referir a constituição dos grupos:

G. D. DA CASA DO GAIATO — Victor Torcato;

Aníbal, Denis, Rui «Gordo» e Xavier; Toni, Lito e Mauro; «Vítinho», «Corneto» e «Cenoura». Jogaram ainda: «Amarante», «Bolachinhas», «Turbinas», «Ruca» e Márcio. Treinador: Lupricínio.

F. C. DA MAIA — Penalty; Mota, Sérgio, Álvaro e Filipe; Nuno, Néilson, Hélder e Artur; Tónanha e Pedro Matos. Jogaram ainda: Saavedra, Mário, Armando, Schurman, Ramalhão e Marco. Treinador: Fernando Santos («Girafa» — antigo gaiato).

Equipa da arbitragem: Rui, Néilson e Alexandre. Os golos foram apontados por: Toni, três; «Cenoura», dois; e «Corneto» um (G. D. Casa do Gaiato); os do F.C. da Maia: Tónanha, dois; e Schurman, dois. Resultado final: 6-4.

O que contou, no final, foi a grande correcção e simpatia que os colegas da Maia deixaram, ficando a ideia de que esta juventude venha a ser mais admiradora da nossa Obra.

No dia 1 de Abril defrontámos uma formação do Centro Cultural de Cête. Foi um jogo muito competitivo, que trouxe os seus trunfos, naturalmente os golos, e a nossa primeira derrota da temporada. Desde Setembro de 1993 que não perdíamos, altura em que começámos os treinos e os jogos.

O adversário soube aproveitar bem as oportunidades criadas. Também tivemos muitas, mas não as conseguimos concretizar. Resultado final: 2-3, a favor deles.

Defrontámos o F. C. de Paço de Sousa, integrado na Segunda Divisão Distrital, dia 2 de Abril, à tarde, no nosso campo. Um jogo com muitos golos: 14.

Logo nos primeiros minutos mostrámos que não estávamos a brincar e surgiu-nos uma flagrante oportunidade de inaugurar o marcador. Falhámos. De seguida, abriam eles a contagem. Passados alguns minutos o nosso tento: 1-1. O ritmo de jogo continuou e perdíamos por 4-2. Seguiu-se o intervalo. Na segunda parte, as duas equipas entraram com mais determinação — e a nossa pronta a dar volta ao resultado. Decorridos alguns minutos, viríamos a sofrer o quinto golo. Perdíamos por 5-2. Nem queríamos acreditar no que estava a acontecer. Entretanto o nosso técnico (Lupricínio) fez algumas alterações e os golos começavam a aparecer. Chegámos a empatar a partida, por 6-6. Jogámos um futebol aberto. Mas antes do apito final, houve mais dois tentos. Resultado final: 7-7.

Repórter X

ANO DA FAMÍLIA

ENCONTRO DE CASAS — No momento em que escrevemos esta nota, estamos na Semana Maior que antecede a Páscoa e a longa distância da saída do GAIATO que publicará estas linhas.

Já temos inscrições para o nosso Encontro, mas parece que alguns estão mesmo à espera da Passagem do Ressuscitado para se inscreverem.

Em Mt. 22, 3-4, diz: «O Rei mandou os servos chamar os convidados. A comida está pronta; tudo está preparado. Vinde às bodas».

Queridos casais, o que todos desejamos é «que marido e mulher tenham força de amar sem medida».

Ao amor desgastado que ataca a célula familiar, mostremos que há sinais de esperança.

Se sentes o teu amor fragilizado, vem alimentá-lo. Se te sentes revigorado, vem partilhar connosco. A troca de vivências será enriquecedora para todos. Em linhas gerais e sujeito às alterações que se acharem convenientes, aí vai o programa:

Dia 23 (Sábado): 12 h. — Acolhimento e almoço.

Tarde — Reflexões orientadas por Dr. Abel Magalhães: «Relações humanas e relações interpessoais, na Família»...

Noite — Testemunho dum casal: «Educação sexual na Família».

Dia 24 (Domingo): Manhã — Dr. Abel Magalhães (continuação da mesma temática); **Tarde** — Padre Virgílio: «Família: Igreja doméstica».

Dia 25 (Segunda-feira e Feriado): Manhã — Padre Virgílio e Dr. Abel Magalhães (continuação da mesma temática); Almoço e encerramento.

Vá, decide-te! O tempo urge!

As inscrições deverão ser enviadas para: Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro ou para Casal Trindade — Casa do Gaiato — 3220 Miranda do Corvo, ao vosso dispor através do telefone: (039) 52731.

Maria Helena e Carlos Manuel

poderemos tomar banho em nossa piscina e após uma ou duas semanas seguirão em grupos para a praia.

FUTEBOL — Jogamos muito, principalmente nos tempos de festa, como a Páscoa, pois nos feriados é que podemos descansar e aproveitar os tempos livres, jogando à bola ou vendo televisão.

VISITAS — Recebemos muitas, sempre ansiosas por verem se os nossos rapazes vão bem, se não lhes falta nada e, principalmente, se a sua saúde está boa. Durante o tempo de Páscoa os chefes esforçaram-se para que a Casa se mantivesse limpa como sempre, e os grupos de apanhar lixo estivessem operacionais.

OFERTAS — Tivemos muitas amêndoas e com elas ficamos a saber que existem sempre pessoas com um grande coração, pois devido ao seu carinho e ternura houve muitas delas e sobraram algumas.

TEMPO — Durante as últimas semanas tem sido acolhedor. De noite cá alguma chuvinha ou há muito frio. Ora faz sol, ora nevoeiro. Mas Deus queira que faça sol de vez, com alguma brisinha, para irmos para a Escola com a cabeça fresca.

OBRAS — Têm um bom ritmo. Os serralheiros, carpinteiros e pedreiros esforçam-se para que tudo acabe até ao fim do ano escolar. Com a lavandaria e roupa, cá em baixo, a malta das limpezas já não precisa de se esforçar tanto para carregar a roupa suja para a lavandaria. Depois, eles trazem-na, já lavada, para a roupa e passam-na a ferro.

DOMINGO DE PÁSCOA — Pudemos levantar-nos às horas que quiséssemos, mas só até ao meio-dia porque o almoço era às 13 horas. Um dia muito agradável. Divertimo-nos muito, brincámos e comemos muitas amêndoas.

Joaquim M. F. Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Temos dado conta dos nossos Pobres. Mas a nossa tendência é sempre inclinada para a parte material. De facto, é essa que salta mais à vista. Temos alguns, porém, que são pobres só do ponto de vista espiritual.

Há tempos, fomos surpreendidos com o desabafo de uma Pobre que, há muito tempo, andava preocupada. Confessou ter algumas economias, não só de ajudas que recebe, como de quando trabalhava. Sente que os dias do Senhor estão próximos, pela avançada idade, e queria deixá-las aos netinhos.

Demos o nosso conselho, mas ficámos preocupados porque nos pediu que não lhe tirássemos o auxílio. Levámos o assunto à reunião quinzenal. Todos compreenderam. Resolvemos não retirar o contributo à senhora pela sua franqueza e seriedade.

Realmente naquela casa há muita miséria humana. A senhora, de idade avançada, tem o marido entevado e ela lava-o, veste-o e tudo o mais. Tem ainda de sustentar seis netos, de uma filha sem tino de vida. Ainda por cima, olha por um outro que em tempos acolheu em casa, agora também entevado, cego, carecendo de todos os cuidados: ser lavado,

TOJAL

ESCOLAS — Já no 3.º período, os estudantes esperam ansiosamente que ele passe depressa. Acabando a Escola já

BENGUELA

A Família espelho da sociedade

Vamos à família. Sabemos que ela é o espelho da sociedade. Reflectindo um pouco, chegamos à conclusão de que os grandes problemas que nos afligem nascem do descalabro da família. E não é para estranhar, já que é a célula da sociedade. É uma verdade universalmente conhecida. Donde a grande atenção dos governantes e outros agentes sociais deve incidir na família.

Uma experiência pequenina: a Casa do Gaiato está em Angola há mais de trinta anos. Lembro-me de que, nos primeiros tempos, os grupos que nela eram recebidos, vinham de relações havidas fora do lar, que nem sequer tinha sido formado. Eram rapazes que nasciam e cresciam sem um pai na família. Estes eram os casos típicos de abandono que em ambiente normal, se tornavam rapazes com a mesma capacidade e equilíbrio que quaisquer outros. O problema era, pois, o do crescimento e nascimento fora de um lar onde o pai e a mãe assumissem a sua responsabilidade.

Estes filhos se não tivessem encontrado a Casa do Gaiato, aonde iriam parar? Ao subdesenvolvimento físico e humano? Ao

lugar dos pesos mortos da sociedade? À cadeia? Não tenho dúvidas.

Passado todo este tempo, qual a situação? Não têm conta as crianças que andam por aí... O ambiente que antes as acolhia está em degradação muito profunda. Família de ricas tradições no respeito pela vida e pelos filhos! É a família que está em causa. São em grande percentagem os filhos nascidos à margem do lar. E os filhos nascidos dentro dele estão a ser vítimas dos desafios postos aos valores tradicionais da família, como, por exemplo, a unidade. Se não entram no abandono da rua, sofrem o desequilíbrio afectivo que os leva a buscar compensações na droga e outros males afins. É um problema muito sério.

A luz da experiência podemos dizer que a degradação familiar é responsável por grande parte das desgraças que atingem as crianças acolhidas em instituições adequadas. Podemos dizer, em verdade, que a saúde da sociedade está em ligação directa com a saúde da família.

No caso concreto de Angola, a guerra que tem devastado o país está, em boa parte, na origem precipitada do descalabro familiar. Há outras causas, entretanto, que são outros

tantos desafios à família angolana de hoje. O divórcio é uma delas. Ao tocar nestes pontos estou a olhar para as crianças enquanto vítimas inocentes destes desmandos sociais. A falta de respeito pela vida e pelo valor da maternidade, bem patentes na provocação de abortos e na facilidade com que se tira a vida do próximo, põem em causa valores familiares que há que manter por todos os meios.

Impressiona ver como, à mistura com tanto bem que se faz, no intuito de ajudar a família face à miséria em que se encontra, se infiltram práticas que éticamente são condenáveis. Tais influências são feitas em embalagens tão sugestivas que constituem uma tentação com o risco de destruir as raízes e deformar a história da família angolana.

Apesar destas sementes de desagregação, a família de Angola é uma realidade natural, riquíssima de valores, a pedir a intervenção activa das forças vivas que actuam no campo social para que ela tenha condições para desempenhar o seu papel na sociedade e sejam estancados os vícios que tentam miná-la por dentro.

Há dias, conversando com um rapaz que me veio pedir umas tábuas para o caixão dum homem, perguntei qual era o seu grau

de parentesco com o defunto. Respondeu prontamente: «Foi ele que me ensinou a trabalhar». Bonita resposta. Quer dizer: a família é verdadeira família porque é uma Escola para a vida. Os verdadeiros pais são aqueles que preparam os filhos para a vida. Nesta escola da vida, que é a família, geram-se os laços que perduram para além dos laços de sangue que, em certo sentido, passam para segundo plano. É algo de muito profunda, esta da família.

Estes valores riquíssimos supõem outros, como os da unidade e estabilidade. A família africana está mais perto da origem. Fala-nos da verdade revelada no princípio. É um livro onde podemos aprender a descobrir o pensamento de Deus ao criar o Matrimónio.

A nossa Páscoa

Como foi a nossa Páscoa? Vivemo-la na esperança da paz. Com alegria, porque procuramos também ajudar a sair do sepulcro da morte os que procuram viver. Ainda não consegui as camas para os rapazes que estão à espera. Continuemos a celebrar o mistério da Páscoa.

Padre Manuel António

vestido, etc. Os Pobres ajudando os Pobres. Só eles se dão espontaneamente. Aos ricos temos que pedir com insistência.

Alguém escreveu: «A miséria é a falta do necessário. A pobreza é a falta do supérfluo».

Há muito tempo víamos que, naquela casa, não faltavam as batatinhas e tudo o mais necessário à alimentação. Mas nada de supérfluos. Inclusivamente nem mobília existe. Na sala de jantar, só uma mesa que era do trabalho dele, como alfaiate. Para se sentarem, uns toscos bancos. As camas, há que ter muito cuidado para não caírem... Na cozinha, então nem se fala. As roupas andam para lá aos montes.

Numa das nossas visitas deparámos com uns armários novos e branquinhos que até destoam no meio daquilo tudo. Perguntámos de onde vieram. «Foram as irmãszinhas.» Dias antes tínhamos lá estado e verificámos que uma das netas, a mais velhinha, chorava porque não havia onde guardar os livros de estudo e os irmãos mais novos estragavam tudo. Já lhe oferecemos um guarda-loja.

Sentimos, cada vez mais, que esta família necessita de ser acompanhada e ajudada. Só lamentamos não ter mais tempo para lhes dar.

Receamos até pelo futuro de duas netas mais velhinhas. Trabalham, nas horas livres da escola, para ganhar algum dinheiro a fim de comprarem os livros e tudo o mais para estudar. Temos medo, não do trabalho delas mas do sítio onde é feito — no meio em que vivem... Preocupa-nos, pois não têm tempo para estudar e fazer os deveres escolares.

Damos a nossa ajuda material e espiritual. Mas sentimos que há qualquer coisa que nos foga.

Com o vosso auxílio vamos tentar lutar contra a maré e estimular esta velhinha a levar sua cruz até ao calvário e também ajudar a tirar estas crianças do lodo em que se encontram atoladas.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE: — «Por amor de Deus e aos Pobres» chegaram 10.000\$. Etlvína com 5.000\$. Assinante

44842, 5.000\$. Anónimo, 10.000\$.

«Por amor de Deus e aos Pobres» ficamos à espera que os nossos Amigos se lembrem dos nossos Pobres. Obrigado.

Valdemar e Olga

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — A batata está quase semeada. A do olival dos Poços já cresceu um bocado Também o cebolo e o feijão, atrás do campo.

GADO — Uma das porcas deu à luz doze leitões. Também nasceu um vitelo. Temos sorte: as galinhas dão bastantes ovos!

CARAS NOVAS — Recebemos mais alguns rapazes em nossa Casa: Paulo Sérgio, que veio de Felgueiras; Nelson, de Almeida; Carlos, do Porto; Filipe e João Nuno, também de Felgueiras.

OBRAS — Vão andando. A estremeira está pronta, como nova. Estão a construir ainda uma casita para o Cinzeiro. O pátio da sala-de-jantar tem um novo aspecto!

AVES — A pata morreu e os responsáveis foram o «Maçases» e o Rui Pinto.

Trouxeram dois casais de rolas, da Lentisqueira. A gaiola já não fica vazia...

PÁSCOA — Tivemos uma Páscoa feliz. Houve a visita pascal. Todos se confessaram. E houve muitas amêndoas e bolos. Uma Páscoa bem passada! Desejamos que os nossos Amigos tenham passado umas boas festas.

PASSEIO — Na segunda-feira de Páscoa fomos em passeio à Serra da Estrela. Gostámos muito, em especial da neve. Foi pena estar muito vento e não haver sol. Parámos algures, na Serra, onde almoçámos. Foi tudo muito bom. Esperamos fazer mais passeios como este...

Frederico

ENCONTROS em Lisboa

Sementes de violência

Ao olharmos o longo percurso da humanidade fica-nos a sensação amarga de que a violência esteve sempre presente. Foram lutas pela sobrevivência quer individual quer grupal e foram também as lutas pelo domínio, pela posse, pela magia que a própria violência gera. Também podemos olhar para a nossa história humana como um longo processo de crescimento no respeito pela vida humana, a valorização do diálogo como método para se encontrar a convivência entre os diferentes grupos.

Valores como a justiça, a humanidade, a fraternidade foram emergindo face às forças destruidoras e instintivas que existem em cada um de nós e nos diferentes grupos.

Nasceram grupos e pessoas que perceberam a não violência como caminho de salvação para o nosso mundo. Foram os pacifistas, os não violentos activos que ajudaram a ver as coisas humanas de maneira positiva e solidária. Homens como um S. Francisco que encontrou a paz na partilha de vida até com a mãe natureza ou mais recentemente homens como Gandi ou

Hélder Câmara ajudaram-nos a perceber caminhos novos de vida humana.

Tive necessidade de recordar tudo isto porque constantemente me encontro a recolher os frutos das sementes de violência lançados e actuantes no nosso mundo e na nossa sociedade. A maioria dos nossos miúdos são gerados nas diferentes formas de violência que atravessam a sociedade, desde a violência sexual, passando pela violência da exclusão social, do alcoolismo, da droga, da barraca, da falta do mínimo vital para se ter uma vida digna, da educação feita

apenas de castigos corporais, como linguagem perceptível. Acresce a tudo isto que os produtos culturais mais transmitidos pelo cinema e televisão fazem um apelo constante à violência, por vezes sem o mínimo de critério ou de razão de ser, onde aparecem os heróis de pacotilha que lutam só por lutar, mostrando que a força dos músculos supera todas as forças da razão. Sintomático é que os meus miúdos apenas gostam dos filmes onde actua o Arnold não sei quê, o marcial Kung Fu ou o desajeitado Rambo, juntando-se a tudo isto séries policiais onde não se chega a conhecer quem procura a paz ou a justiça no meio da confusão geral da violência dos murros, das armas ou dos carros.

Não admira pois que nas nossas Casas a violência seja sempre uma constante dor de cabeça. Ser homem é ficar por cima e dar um pontapé transforma-se no que tem que ser. Há dias mais nervosos do que outros parecendo que há um certo contágio.

Conversadas as coisas até se reconhece que não são maneiras de resolver as coisas entre seres humanos, mas parece que a conversa não passa disso, passado um bocado tudo esqueceu. Há tanta coisa lá dentro de cada um que não dá para receber mais nada. Muito longe estamos dos sonhos d'Aquele que é a Ressurreição e a Vida e que deu como norma aos seus discípulos: se te baterem na face direita oferece também a esquerda. Dessa maneira encontraríamos os mecanismos para parar com a violência. Entretanto vamos sofrendo com a lei do mais forte ou com a lei da retaliação: fizeste, tens que pagar.

Padre Manuel Cristóvão

PASSO A PASSO

Os Pobres sabem comunicar Vida

Como é linda a beleza que se esconde por detrás do rosto feio e repugnante do Pobre! Beleza que dificilmente se pode encontrar no rosto polido e tratado do rico! O do pobre convida-nos a entrar no interior, a aproximarmos do ânago do ser; o do rico faz-nos uma barreira e obriga-nos a ficar na superficialidade do sujeito.

O encontro com o Outro só se pode dar na comunhão de intimidades em que se quebram as barreiras que dividem os homens.

Hoje é comumente usado o termo solidariedade. É bandeira hasteada por muitos movimentos e partidos e até universalmente aceite. A solidariedade para o bem é, sem dúvida, algo de muito bom para a construção de uma sociedade mais humana, em que cada elo da cadeia pode adquirir dos outros um reforço para as suas «fraquezas» na relação social.

Construída a sociedade solidária fica certamente ainda muito por fazer. As relações entre os seus membros ficaram pela superfície e ainda não é possível comunicar vida autêntica... A ligação verifica-se à superfície e, por isso, não se dá o encontro. É preciso então chegar ao interior do ser

para descobrir a beleza que o habita, a qual é convite para o encontro pela eliminação das barreiras. E a beleza é Cristo...

Nós, cristãos, somos o Corpo de Cristo, não uma cadeia solidária por ligações superficiais mas uma comunhão de membros que partilham Vida que recebem d'Aquele que é cabeça deste Corpo que formamos — pela caridade. E se partilhamos Vida, fazemos chegar ao Outro tudo o que lhe falta e necessita para viver. Aqui a solidariedade não precisa de ser bandeira porque os frutos alcançados são enormemente acrescidos e enriquecidos pelos da caridade.

Mas este diálogo só é possível entre os Pobres, porque só eles sabem comunicar Vida. E todo o cristão é Pobre, pois pede ao Pai o «pão nosso de cada dia» que tem em vista a satisfação das necessidades de todos, para que todos possam viver em cada dia. E este viver resulta desta partilha de Vida entre os membros que tem origem na cabeça deste Corpo que somos.

Como é diferente a vida de quem se organiza na solidariedade, daquela outra que brota da comunhão na caridade! Hoje, dia de Páscoa, vi um casal de Pobres, repugnantes pelo seu aspecto exterior, e vi também duas senhoras que chamavam para si os olhos de quem estava... Mas os meus ficaram presos nos Pobres porque neles Te descobri, Senhor!

Padre Júlio



Vamos ajudá-los a ter uma casa

Património dos Pobres

Um ninho de crianças

Partimos de casa de manhãzinha e andámos todo o dia de terra em terra ao serviço dos Pobres. Já tarde, numa cidade antiga perto da fronteira espanhola, o pároco chamou a nossa atenção para uma família. Metemo-nos no seu carro e fomos ver. No termo de uma rua antiga e abandonada ficaram as ruínas de casa velha feita de pedras rústicas. À porta, a mãe com cinco filhos e logo apontou o ventre onde nascerá brevemente o sexto. Ela não entende nada do Planeamento Familiar.

O pai, de quem disseram muito mal, tinha saído. O ambiente à volta era mal cheiroso. Não havia sinais de quarto de banho. Subimos a escada difícil e vimos o «tesouro abandonado».

— Isto é um autêntico ninho de crianças — exclamou o nosso Padre João.

Atrás da porta velha um colchão no chão ocupava todo o espaço.

— Aqui nos aninhámos todos — disse a mãe. Perguntei onde comiam, ao que ela respondeu: — Comemos na rua.

Ficámos com o coração amargurado. Uma cidade, tradicionalmente cristã, com palácios antigos e palácios modernos, quase sem vida humana, alberga dentro dos seus muros uma família numerosa de crianças a crescer.

Ouvimos dizer que a filha mais velha de dez anos já é cobiçada na rua por matulões, que os pais deviam dar os filhos a instituições. E outras coisas mais.

Ficámos com pena que aquelas ruínas não tenham espaço e não possam ser aproveitadas para casa de habitação. Mas conservamos vontade de desafiar a comunidade para a sua responsabilidade de dar abrigo àqueles que o não têm e dele necessitam. Os nossos governantes prometem abolir as barracas. E as ruínas de casas que servem de habitação?

Que os nossos vizinhos espanhóis não saibam destas situações vergonhosas.

Pôr plásticos por cima

Recebemos carta dum pároco que dizia assim: «Bateram-me à porta um

casal de meus paroquianos, só ele reformado com vinte e seis mil escudos, para que lhe seja concedida uma ajuda para que possam deitar um telhado à casa onde vivem, que só tem por cobertura uma placa de cimento, que rachou e deixa entrar muita água quando chove. Passam um calvário com tanta chuva. Fá-los andar continuamente a pôr plásticos por cima».

Fomos ver. A mulher muito doente. Ele reformado por incapacidade. As paredes sujas de bulor. Os móveis desarrumados do lugar deles.

Entregámos-lhe cheque. Não tinham licenças camarárias para a construção. Fomos falar com o Presidente da Câmara. Recebeu-nos com bom acolhimento. Bastou uma carta nossa a testemunhar a situação. Podem colocar o telhado.

Ficámos satisfeitos. Assim vale a pena trabalhar e ajudar. Os Homens que governam deviam estar mais atentos às aflições dos Pobres.

Padre Horácio

Carta de Benguela

Continuação da página 1

Do ar já lobrigara a nossa Casa e as áreas verdejantes que a circundam. Que bom rever assim, como antigamente, «o leite e o mel correrem» em terras que Deus fez com tal fertilidade!

Transposto o portão, galgando a fresca alameda de mangueiras que dá entrada, eis-me no largo principal da Aldeia, à porta da casa-mãe. Padre Manuel apareceu logo e alguns rapazes. Uma alegria!

Depois de um banho e de um cházinho de cachinde para refrescar, demos uma volta pelas casas e pelos espaços ajardinados que as envolvem, antes de um salto à cidade a providenciar o regresso a Luanda que tinha de ser segunda-feira de manhã. Neste giro tive ocasião de confirmar e ampliar a boa impressão que a cidade me deixara logo à primeira vista e a alegria de rever alguns rapazes da primeira geração daquela Casa do Gaiato, graças a Deus a darem boa conta de si.

«Benguela é outra Angola»

Não há dúvida que «Benguela é outra Angola», para usar a expressão de uma religiosa que ali conheci há dezasseis anos e que entretanto trabalhou em Missão no interior, onde foi apanhada pela batalha do Huambo. Libertada dos horrores que então sofreu e recobrada a saúde no seu país natal, voltou ao antigo posto em Benguela, que achou como disse.

A nossa Casa participou de semelhante boa sorte. Ia passando e dizia:

— Aqui já foi tudo renovado...?

— Não, aqui não mexemos.

Afinal, exceptuando cozinha e copa e tudo quanto fosse canalizações e serviços higiénicos, o resto estava razoavelmente conservado. Só na casa-mãe, a residência de senhoras e dos «Batatinhas» e uma casa de habitação para trinta rapazes em cada andar e que foi habitada por cento e muitos — só essas as encontramos gravemente degradadas. A primeira já foi recuperada. E a segunda está por pouco. De modo que, aos setenta rapazes que agora estão, em breve se hão-de vir juntando mais cinquenta para que a Casa atinja a sua lotação normal. Apesar da incongruência, felizmente para a sua utilização ser possível já embora um pouco sobreocupada, a outra casa foi habitada: um andar por um só responsável e o outro pela família de um segundo responsável pela comunidade de quase duzentos alunos da Escola Provisória em que foi transformada a Casa do Gaiato. Daí o menor grau de deterioração que permitiu a rápida recuperação.

A nossa Casa vive já próxima da normalidade

As oficinas dormiram um sono de todos estes anos, providencialmente guardadas pelos mestres que Padre Manuel lá deixou ao entregar a Casa. Gesto bonito! eles zelaram por ela como tesouro seu! De modo que, tirando a ferrugem e algumas ferramentas e acessórios das máquinas que a escassez do mercado dificulta reaver, as oficinas estão operacionais.

Terras cultivadas (menos uma parcela que ainda nos não foi restituída, apesar da letra expressa do documento governamental de entrega); pocilgas meio povoadas; manada de gado bovino e rebanho de caprino a crescer — podemos dar graças a Deus por esta Casa do Gaiato que vive já próxima da sua normalidade.

Que os rapazes, destinatários de todos estes bens, os aproveitem plenamente na reconstrução de si mesmos e de uma Angola «outra», como parece ser em relação ao país total a cidade de Benguela.

Padre Carlos

Malanje dia-a-dia

9/2/94

Apareceu à tardinha com ar de cansada e um vestido modesto. É mãe dum filho que se perdeu.

— Disseram-me que ele estava aqui... Já corri a cidade toda! — disse ela.

— Veja os meninos — respondi.

Olhou-os um a um... Li nos seus olhos de mãe uma nuvem de tristeza.

— Não, não está — falou baixinho.

Quantas voltas estará dando a criança para encontrar a mãe...

Indiferente e fria, a guerra continua a semear dores e sofrimento...

Certo, para além e mais importante que tudo, permanecerá, sempre vivo, o olhar magoado desta mãe...

14/2/94

O «deixarmo-nos evangelizar pelos Pobres» está penetrando profundamente dentro de mim pelos exemplos maravilhosos de vida cristã autêntica que, quase todos os dias, me interpelam: mamãs e papás que nesta Angola tratam velhinhos e crianças — dentro duma pureza evangélica com sabor a Igreja-Primitiva!

Não há verdadeira evangelização sem partilha, sem comunhão, sem o «dar-e-receber».

Em muitas épocas e lugares os europeus se limitaram a dar e ensinar... Muitas searas cresceram, mas sem grão; e nem sequer ondulando ao vento.

E, é certo, nem sempre o que demos e ensinámos esteve revestido de pureza e isenção.

Mesmo agora, do que damos, chegam a esta África excedentes e dos mais pobres... Altos negócios que alguns países fazem ao venderem às Organizações o que, nos seus, não querem.

O que ensinámos:

O nosso individualismo himalaico? A nossa fraternidade sem raízes para beberem este húmus?

Salvem-se (e nelas a Esperança!) muitas minorias cristãs e não cristãs que estão dando o seu melhor com rectidão e pureza de intenções.

17/2/94

De novo o reacender da guerra...

Em plena seca do Nordeste Brasileiro, só o mandacaru — uma planta — fica verde. «Só mandacaru resistiu a tanta dor.»

Quando as bombas caem perto, o povo foge... Depois pára — gritando...

Penso: fugir para onde, se não tem folhas verdes no seu coração?!

22/2/94

Passou o pesadelo. Os aviões voltaram. Eles são o pão de cada dia. Em vez das mibangas compridas a darem à luz mandiocas suculentas, são eles que do fundo do seu bojo nos ofertam sacos de milho. É pena... Porém, nunca tábuas de salvação.

23/2/94

O chefe fez tribunal ao Carlito... Roubou roupa e foi vendê-la à praça.

Ele veio há poucos dias, muito magro e sem calor nem expressão no olhar... Olhos metálicos!

Hoje foi às gaiolas dum vizinho. Repreendido, «que não voltava». — Não voltas, mesmo? Saiu um não escorregadio e frio. Passada uma hora, comeu o peixe ao nosso guarda da horta!

Um caso bicudo, este Carlito... Filho desta guerra e do abandono que lhe tocou.

24/2/94

Veio hoje o nosso Padre Carlos. Encontrámo-nos na rua. Ele a vir do avião, eu a ir aos recados. Fomos logo ver a cidade — degradada e triste; depois, os nossos rapazes; a seguir, a nossa Casa do Gaiato. Aqui, ele perdeu-se pelas picadas e capim — a recordar... Fui dar com ele no meio das árvores para os lados da vacaria.

— E isto? E aquilo? E fulano?

Ficou triste ao olhar os vitrais furados da nossa Capela... As feridas, quase sangrentas, da casa três.

Falou-nos com entusiasmo da nossa Casa do Gaiato de Moçambique onde o Padre José Maria e Irmã Quitéria estão realizando um milagre de amor.

Padre Telmo



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239